



NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

MONOGRAFIAS

Quantos ensinamentos proveitosos, e que série imensa de valorosas acções, verdadeiros exemplos de coragem, bravura e heróicidade, se encontram arquivados na velha papelada que abarrotta as prateleiras das bibliotecas públicas e particulares de Portugal, e que nelas jazerao para sempre ignoradas, porque poucos há, infelizmente, que se dediquem à sua divulgação?

Seriam as monografias um meio fácil de as difundir, pois elas viriam actuar de uma forma útil para o excitamento do amor pátrio, pelo contacto permanente com os nossos antepassados, os quais devemos imitar na grandeza da sua fé, na intrepidez das suas façanhas e no seu amor ao torrão que lhes foi berço. Seriam as monografias um estímulo para uma renovação futura em benefício do maior progresso de um povo.

O culto do passado é um culto que nobilita e desperta em nós emoções fortes e patrióticas.

Ele nos suscita ensinamentos que são verdadeiros subsídios para a História Geral do país.

Pena e lamentável é que os nossos Governos, num simpático e grandioso impulso de civismo não tenham ainda pensado em determinar às Câmaras Municipais, no cumprimento do que ordenou a portaria de 8 de Novembro de 1847, ou às Juntas de Freguesia, na falta daquelas, que mandem elaborar por quem o sabe fazer, monografias históricas e ilustradas acerca de cada localidade ou imponha aos Governadores Civis a obrigação de mandarem confeccionar essa monografia geral de cada distrito a seu cargo, paga pela respectiva Junta Geral, cuja monografia seria uma espécie de *carpet* de todos os factos históricos locais, monumentos, tradições, costumes e usos regionais devidamente documentados e de forma a tornar mais fácil e eficiente a propaganda turística em cada localidade.

Em Paris há já confeccionadas monografias históricas de todas ou quasi todas as freguesias, nas quais monografias se compilaram factos e personalidades ilustres que habitaram e as que habitam as referidas localidades. Só assim se tornariam conhecidas as nossas riquezas e as nossas províncias, pois através dessas publicações surgiriam factos completamente ignorados, mas de incontestável valor para o desenvolvimento e verdadeiro conhecimento da nossa história. Seria este, incontestavelmente, um processo altamente proficuo para tornar bem patentes ao estrangeiro as nossas belezas naturais e arquitectónicas, pois em Portugal ainda há, felizmente, localidades que nos relembram acções heróicas dos nossos Maiores, vastos elementos de incontestável valor arqueológico que precisam de ser estudados e conhecidos. Portugal foi, e será sempre a terra das máximas dedicações patrióticas que comporta no seu passado feitos notáveis e grandiosos.

Ah! se os portugueses fossem, em geral, tão pródigos e propensos em produzir, como muitos são, infelizmente, em criticar, deturpar e desvirtuar intenções e emendar *erros*, censurando tudo a esmo, muito de útil, de interessante e aproveitável, sob este ponto de vista, se teria feito.

Muitos foi que se inveterasse nos nossos hábitos a monomania da censura sem critério, sobre estes e outros assuntos importantes, e sem se atender muitas vezes ao fim patriótico e até beneficente que tem em vista quem se abalçou em trazê-los para a luz da publicidade.

Ora se muitas Câmaras Municipais dispõem de dinheiro para festejos aparatosos, com vistosos fogos de artifício e luminárias, a pretexto de qualquer facto, porque não tiram uns míseros cobres ao seu orçamento e os empregam na elaboração de uma monografia local? Porque é que algumas não mandam, pelo menos, coligir as mais importantes notícias que a seu respeito se encontram escritas em jornais locais ou não, em *Revistas*, em livros, etc? Seria da máxima utilidade e conveniência não só para o povo e para os turistas, como para as mesmas Câmaras que assim auteririam elementos para pagar a impressão dessas monografias, pois, em geral, é raro que aquele que vai a uma terra não deseje adquirir uma lembrança; uma colecção de postais ilustrados, etc., e neste caso compraria a monografia da terra, onde viriam insertas algumas fotografuras das que os postais apresentassem.

Eis um alvitre que me sugeriu uma noticia dos jornais em que se fala no inventário de documentos diplomáticos. Oxalá êle se realizasse, pois só pelas monografias podemos atestar aos estrangeiros as passadas épocas da nossa grandeza. Não basta ver monumentos, é preciso saber a sua história. Portanto, as monografias locais são, presentemente, uma obra necessária. Exige-a o nosso passado, reclama-a o nosso presente e demanda-a o nosso futuro bem-estar.

Sem as monografias, escolas de lições cívicas, o nacionalismo português não está bem servido. Falta-lhe esse elemento principal para a completa realização do engrandecimento da nossa Pátria. Que êle apareça neste Portugal novo, em que cada um de nós tem de colaborar com grande esforço e viva fé, são os meus mais sinceros votos e íntimos desejos.

P.º ALBERTO GONÇALVES.

Estrélas do Meio-Dia

(Ao Leão Martins)

I
Se nada dizem de novo
Estes versos de ironia,
Fulgem aos olhos do povo
Quais estrélas do meio-dia.

II
O hábito faz o monge
Mas nem tudo é o que parece...
Espreita quem te lisonje
E a certeza reconhece.

III
O mundo é grande e largo,
Mesmo prás bandas de lá...
— Aqui, teu viver é amargo?
Cú e lá mais fadas há.

IV
Não te percas co'a demora,
Pois a lesma sempre enoja;
Velho rifão: *patrão fora*
1.º dia santo na loja.

V
Mostra ao homem que se apraz
Em levar vida escorreita.
Que quem boa cama faz,
Em boa cama se deita.

VI
Se o bom Deus é o protector
Dessa paixão, nêle cre!
Geraste um filho? o amor
É a fé nas obras se vê.

VII
Semeia ventos, e valha
A desórden no teu lar;
Que boa semente espalha
O bom fruto há-de encontrar.

L. COELHO.

ABEL CARDOSO

Quando, há dias, liamos o «Diário de Notícias» não nos passou despercebido o relato da inauguração da 32.ª Exposição anual da Sociedade de Belas Artes. Entre vários trabalhos que a critica valoriza, encontra-se um do nosso querido conterrâneo e Artista de reconhecido mérito — o sr. Abel Cardoso, que mais uma vez foi justamente distinguido. Esse trabalho é o retrato do escritor sr. Fidelino de Figueirêdo, reproduzido no citado jornal, juntamente com alguns trabalhos de outros Artistas de afirmado valor. Verifica-se, pois, que o nome do sr. Abel Cardoso — que o público já consagrou desde há muito — continúa a ter no meio Artístico o seu lugar de honra, o que é para nós motivo de grande orgulho, visto tratar-se de um Vimaranesense, que sempre tem sabido engrandecer e prestigiar o nome da sua terra. É um facto que todos os seus amigos devem ver com muita simpatia — a mesma com que nós o vemos e apreciamos — porque é mais um argumento seguro para combater a injustiça que muitas vezes é feita a quem, como o sr. Abel Cardoso, conquistou uma posição digna de admiração de quem sabe definir e reconhecer o seu talento, não só como Artista, mas também como professor do Ensino Técnico.

O «Noticias de Guimarães» apresnta a S. Ex.ª as mais gratas felicitações.

O APACHE

O folhetim que hoje se inicia pertence a um dos mais notáveis trabalhos do critico e romancista francês, Paulo Bourget, onde a análise psicológica se verifica exacta e profunda. Traduziu-o o nosso prezado colaborador, sr. L. Coelho cuja leveza de forma literária já está assinalada nos folhetins publicados no nosso jornal — brilhantes trabalhos que muito o vem distinguindo no jornalismo vimaranense * * * * *

NOVIDADE LITERÁRIA

Os meus «elementos de historia de Portugal, e a critica» por Alfredo Pimenta

PREÇO 10 ESCUDOS

A' venda na livraria L. OLIVEIRA & C.ª R. da República — (junto ao Banco de Portugal)

GUIMARÃES



Castelo de Guimarães

Junto ao qual serão agraciados 8 operários do Distrito e onde, às 19 horas, terá lugar o festival histórico.

Festa do Trabalho em Guimarães, no 1.º de Maio

A Festa do Trabalho no distrito de Braga vai realizar-se, este ano, no próximo dia 1.º de Maio como já noticiamos, nesta cidade.

Damos a seguir o seu programa geral e, bem assim, algumas notas acerca do Cortejo Cívico que na tarde daquele dia vai atravessar as ruas de Guimarães.

PROGRAMA DA

FESTA NACIONAL DO TRABALHO DO DISTRITO DE BRAGA em GUIMARÃES no dia 1.º de Maio de 1935

- A's 8 horas — Alvorada. Músicas. Fogo. As casas aparecerão engalanadas a capricho.
 - A's 10 horas — O Sindicato dos Operários da Indústria Têxtil mandará rezar uma missa pela alma de todos os operários falecidos.
 - A's 10 1/2 horas — Inauguração dos Sindicatos dos Operários Cutileiros e dos Manipuladores de Pão com a assistência do Ex.º Sr. Sub-Secretário das Corporações e Previdência Social.
 - A's 12 horas — Repetem-se as manifestações festivas da manhã.
 - A's 14 horas — Desfile do Cortejo dos Trabalhadores que seguirá o itinerário: Avenida Cândido dos Reis, Praça D. Afonso Henriques (lado poente), Rua Paio Galvão, Rua Gil Vicente, Rua 31 de Janeiro, Praça D. Afonso Henriques (lado nascente), Largo 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso, Estrada de Fafe, Rua de Serpa Pinto, Largo Martins Sarmento e Castelo.
 - A tribuna de honra donde assistirão ao desfile os Membros do Governo e demais entidades oficiais, está colocada no Largo 28 de Maio.
 - A's 18 horas, no Castelo — Solene condecoração dos operários do Distrito que forem agraciados com a Ordem de Mérito Agrícola e Industrial.
 - A's 19 horas — Festival histórico junto ao Castelo: jogos florais por cavaleiros vestidos à época.
 - A's 21 horas — Início do festival nocturno na Praça D. Afonso Henriques e Largo 28 de Maio: iluminações eléctricas, concêrtos por bandas de música e fogo de artifício.
- No dia 30 às 9 horas da manhã grupos de camponesas, em cortejo, distribuirão pela cidade as flores que hão-de servir para engalanar os seus prédios.

Secção Escolar

Porque a «inteligência» dirige o «músculo», tem por isso bem lugar no cortejo do trabalho os alunos e professores do ensino primário, secundário, normal e técnico do distrito.

A composição do grande cortejo que vai desenrolar-se numa impressionante apoteose ao trabalho pelas ruas da velha cidade que foi não só berço da Nação Portuguesa e igualmente de muitas modalidades industriais, será dividida em três importantes núcleos:

- a) Escolar
- b) Agrícola
- c) Industrial.

Damos aqui o programa da parte escolar:

- 1.º — Banda de Música dos «Orfãos de S. Caetano».
- 2.º — Bandeira Nacional conduzida por um Académico, sentado em cavallo ajaezado.
- 3.º — Grupo de crianças empunhando arcos floridos onde se lê a legenda: «Estudar é trabalhar».

- 4.º — Grupo de Crianças conduzindo as letras do alfabeto.
- 5.º — 2 Bandeiras respectivamente com o escudo da cidade de Guimarães e Braga.
- 6.º — Grupo de crianças com escudetes: composição da palavra — ensinamentos.
- 7.º — Bandeira com o escudo da cidade de Barcelos.
- 8.º — Em filas de 10, as alunas das Escolas da cidade, empunhando letras do alfabeto floridas.
- 9.º — Em filas de 10, os alunos das Escolas da cidade, empunhando bandeiras multicores, onde se lê esta legenda: «Estudar é trabalhar».
- 10.º — Bandeira com o escudo do concelho de Famalicão.
- 11.º — Grupo de alunos primários com a «ferramenta» dos trabalhos escolares.
- 12.º — Bandeira com o escudo do concelho de Lanhoso.
- 13.º — Aluna do Asilo de Santa Estefânia empunhando escudos onde se lê: «Cosinhar», «Lavores»,

Esquema semanal

A FAVOR DA PAZ

Após a conferência dos delegados das grandes potências europeias realizada em Stresa, o concelho da S. D. N. votou quasi por unanimidade a censura à Alemanha pela violação do Tratado de Versaillies, marcando iniludivelmente o desejo de assegurar a Paz na Europa e bem assim cortar rente a ambição dos teutões que vêm servindo à maravilha os *ambiciosos* desígnios do charlotesco Hitler.

Litvior, delegado da Rússia, e Caetano da Mata, delegado de Portugal, não desmereceram das responsabilidades do cargo e criticaram com acentuada aspeza o «desmancho» alemão, alicerçando no pacifismo o seu modo de agir e de pensar, fustigando acrememente os conluios secretos das chancelarias tímidas e menos conscientes.

O MARTÍRIO DO JAPÃO

Mais um abalo csmico veio enlutar o o povo japonês, arrazando 3 cidades e causando milhares de vítimas.

E' caso para se dizer que aquele povo oriental deve andar sempre com o *credo na bóca*, pois não passa um ano que não sofra um desastre a deixar aterrado o velho mundo.

ROOSEVELT

O Presidente da República dos Estados Unidos da América é um dos políticos que maior obra tem realizado no novo Mundo, quer fomentando a economia quer cuidando dos superiores interesses da Nação.

Depois de salvar o erário nacional, que provocou sérios embaraços aos potentados das finanças, pensa agora resolver a crise do desemprego, iniciando obras de vulto e que mudem benefícios

trarão à comunidade. Rico o Estado, pão aos trabalhadores.

É digam que as democracias não provam!

PELA BULGÁRIA

Depois duma tentativa de ditadura militar, o rei Boris viu-se na imperiosa necessidade de demitir o seu governo e nomear um outro de transição, anunciando ao povo búlgaro o seu desejo de imediato regresso à constituição do país e, outrossim, ordenar que todos os políticos presos fossem postos em liberdade.

PRENDA DE ANOS

Ao supremo chefe da República Imperial Aicmã foram oferecidos 27 aviões de combate como prenda de anos, dando ensejo a uma parada vistosa a que concorreu o próprio Hitler, que agradeceu a lembrança como uma das mais queridas, semelhante a um menino a quem festejam os anos com um regimento de soldados de chumbo, sabido de antemão que é um dos seus maiores prazeres.

LÉFECÉ.

DINAMIC

Camisa do momento
Camisa de bom gosto
Camisa que veste bem
Camisa elegante

E' uma camisa Tabú e um exclusivo da CASA DAS GRAVATAS

Anúciat no «Noticias de Guimarães».

- «Jardinagem», «Educação» «Instrução» e «Trabalho».
- 14.º — Bandeira com o escudo do concelho de Espôsende.
- 15.º — Banda das «Oficinas de S. José».
- 16.º — Internados das «Oficinas de S. José» de Guimarães empunhando escudetes onde se lê: «Tipografia», «Sapateiro», «Alfaiate», «Carpinteiro», «Música», «Pão e Trabalho».
- 17.º — Alunas dos Colégios com maias floridas.
- 18.º — Bandeira com o escudo do concelho de Vieira.
- 19.º — Alunos da Escola «Comercial e Industrial» de Guimarães, com uma deputação da Escola Técnica de Braga.
- 20.º — 5 bandeiras representando os concelhos de Fafe, Cabeceiras, Bouro, Celorico e Vila Verde.
- 21.º — Academia Vimaranesense e Internato Municipal com deputações da Academia de Braga, empunhando palmas.
- 22.º — Carro — Homenagem ao trabalho escolar Primário, Secundário e Técnico.

Fecha esta secção do cortejo 1.º de Maio com a representação dos obreiros do labor mental do distrito — professores, publicistas e jornalistas, etc

A vida e o labor dos campos

Nota descritiva da representação agrícola:

O ARROTHEIO

- 1.º — Carro — «Semeia e cria, terá alegria!»
- 2.º — Carro — O Rôco. Roçadores.
- 3.º — Festada com bonecos e descantes.
- 4.º — Grupo de camponeses com enxadadas, pás, alviões e outros instrumentos de trabalho.
- 5.º — Carro — Charrua virando a ceifa.

O PÃO

- 6.º — Carro — Desfolhada.
- 7.º — Carro — Descarólo.
- 8.º — Grupo de malhadores e cegadeiras.
- 9.º — Carro — A malhada.
- 10.º — Festada, com dança e cantos regionais.
- 11.º — Carro — A debulha mecânica.
- 12.º — Carro — Seleccionador mecânico.
- 13.º — Moleiros na entrega das fornadas.
- 14.º — Grupo de mulheres domésticas de peneira à ilharga e pá do forno ao alto.
- 15.º — Carro — Apeirias da lavoura.
- 16.º — Festada com bailadores e bonecos.

O VINHO

- 17.º — Carro — A vindimada.
- 18.º — Grupo de vindimeiros conduzindo cestas, escadas, sulfatadores, etc.
- 19.º — Grupo conduzindo a uva.
- 20.º — Carro — O Lagar.
- 21.º — Tocata com cantigas ao desafio.
- 22.º — Carro — Destilação do bagaço.

O LINHO

- 23.º — Grupo de moços enramilhados pelas namoradas, na faina do trabalho.
- 24.º — Carro — A Ripada.
- 25.º — Festada minhota.
- 26.º — Grupo de espadeladeiras.
- 27.º — Carro — A espadelada.
- 28.º — Carro — Rocas e dobadoras.
- 29.º — Festada com danças e cantos regionais.

Indústrias Caseiras

- 30.º — Grupo de mulheres laborando chapéus de palha.
- 31.º — Grupo de leiteiras com seus canodos.
- 32.º — Carro — Laticínios.
- 33.º — Grupo de crianças conduzindo animais, uns e outros colaboradores da faina rural.

ROMARIA

- 34.º — Grupo de romeiros e jogadores de pau.

- 35.º — Carro — A Crença, animadora do trabalho rural.
- 36.º — Estandarte da Associação dos Agricultores de Guimarães. Banda de música.

Secção Industrial

Nota descritiva da representação industrial:

A Indústria concelhia far-se-á representar, por carros das seguintes empresas: Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, Fábrica de Fiação e Tecidos do Arquinho, Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, Bento dos Santos Costa & C.ª, Fábrica de Fiação e Tecidos de Vila Flor, Fábrica de F. e T. de Caneiros, Fábrica de Fiação e Tecidos do Minhoto, Sociedade Mercantil do Minho, Fábrica de Fiação e Tecidos da Madroa, Fábrica a Vapor de Tecidos da Caldeirão, Fábricas do importante centro industrial do Pevidém, Alberto Pimenta Machado, etc.

No cortejo incorporar-se-ão, igualmente, carros das seguintes classes: Indústria de Cortumes, Quatro Artes da Construção Civil, Cutileiros, Manufactores de Calçado, manipuladores de pão, indústria de Pentes, Garfeiros de Sande, Empregados no Comércio, Casa do Povo de Ronfe, etc. bem como os estudantes e as seguintes casas: Casa Ferro e Auto-Garage Avenida.

Dos concelhos de Espôsende, Barcelos, Famalicão e Fafe, vêm, respectivamente 1 carro, 3 carros e um rancho regional, 1 carro e 1.500 operários em comboio especial.

Da Ouda vêm, também, em comboio especial, 700 operários.

— A Junta de freguesia de S. Torcato também toma parte no cortejo, com um carro.

— No dia 1 à noite será oferecido, no Hotel da Penha, um banquete aos Membros do Governo que vem assistir à Festa do 1.º de Maio.

EM BÉN L ME V A I

ONZE HOMENS CONTRA CINCO...

Vianense 4-Vitória 3

O «Vianense» ganhou com inteiro merecimento o jogo que no domingo veio disputar a Guimarães.

Os seus jogadores souberam tirar partido do terreno que se encontrava completamente encharcado, e como são atléticamente bem constituídos na luta do corps-à-corps levaram sempre a melhor.

De princípio os da casa entraram a actuar com grande energia e uma certa velocidade, porém pouco tempo durou. Os visitantes começaram a assentar e quando na segunda metade desenvolveram melhor no sentido do ataque, o «Vitória» desde então só pôde contar com os seus cinco avançados, porque de facto foram eles que ofereceram uma resistência, com as suas intervenções sempre prontas, sobretudo no ataque à baliza.

Os médios laterais, raras vezes fizeram sentir a sua presença a jogar e o médio centro na segunda metade também andou a vaguear.

O domínio dos vianenses não teve nunca grande notoriedade. No entanto a bola andou muito mais tempo nos seus pés e a sua execução foi mais perfeita. E do que acima fica exposto se conclue que a vitória do «Vianense» não mereceu dúvidas a ninguém.

Dos seus jogadores merecem elogios: Os dois defesas, centro avançado, que foi o mais saliente sobre o terreno e os dois extremos.

Do «Vitória»: João Jesus, Bravinho, Faria e Virgílio.

Apesar da solenidade do dia e da chuva que caiu em abundância, a assistência foi regular.

António Neves.

O «Vianense» foi recebido, com muito entusiasmo, por grande número de pessoas, tendo-se realizado na Câmara Municipal a sessão de boas-vindas, em que discursaram os presidentes das C. A. desta cidade e de Viana do Castelo, bem como o director do «Vitória» sr. António Gualberto Pereira.

brindo-se, a cada volta, um horizonte de mar azul, de montanhas longínquas e ilhas distantes. Estão fechadas as casas do campo e os hotéis. Caminha-se horas e horas sem encontrar ninguém, a não ser um pastor que, pelos olivais, tange um indócil rebanho de carneiros empoeirados. Ou ainda um caçador, cuja rede achatada encerra, sem dúvida, um tórdo, um pássaro bravo, uma calhandra, enfim, uma dessas pobres aves que esvoaçavam nas terras incultas devastadas pelo tiroteio.

Anda-se mais, e é de novo o deserto e a paz, a divina paz na luz, nos perfumes que o vento do mar arranca às papilionáceas, à alfazema, ao alecrim, aos eucaliptos, às mimosas, quando o aroma subtil das primeiras violetas se mistura com esses odores mais rudes que só de respirá-los é um inebriamento.

Havia seis semanas que eu gosava esta solidão das paisagens e não me sentia cansado. Eu próprio percebi isso ao sobressaltar-se-me o espirito quando uma manhã, ao voltar do meu passeio habitual, deparei com um automóvel parado em frente da minha porta. Calculei cem passos, e vi pessoas que, evidentemente, me esperavam: um homem de alta estatura e um rapazinho, ambos trajando de luto.

A contrariedade moderou-se ao re-

COISAS & LOISAS

HIGIENE ESCOLAR

Se há problemas que possam interessar ao bem da humanidade, não deve ficar para último lugar o que diz respeito à higiene escolar. Não é só nos Liceus ou nos estabelecimentos de ensino superior que se deve cuidar deste assunto. Pelo contrário, deveria principiar-se pelas Escolas Primárias e pelas Industriais e Comerciais, aquelas onde mais se acentua a falta de higiene, como facilmente se compreende desde que se olhe para a situação da grande maioria da sua população escolar. Se os factos que contribuem para a falta de higiene são vários, tornando, portanto, impossível a realização de uma obra completa dentro deste capítulo, procure-se, pelo menos, atenuar um pouco o efeito daqueles que são mais prejudiciais, por meio de medidas que quem de direito entenda tomar. Uma delas poderia ser a de atribuir aos médicos escolares dos liceus, mediante uma gratificação especial, a missão de visitarem as escolas citadas, não só com o fim de tomarem providências quanto às condições higiénicas dos respectivos edifícios escolares, mas também com o de fazerem umas preleções aos alunos, apontando-lhes o que é fácil fazer-se neste sentido, visto que quasi todos ignoram os preceitos mais rudimentares da higiene. Eu conheço algumas das dificuldades com que muitos lutam para viverem com uma certa limpeza, dificuldades essas que provêm, sobretudo, da falta de recursos, motivo por que alguém me poderá responder que não é possível haver higiene onde só há miséria. De facto, é esta um dos maiores obstáculos a vencer, isto é, é preciso combater a miséria para se poder exigir o resto, e isto só poderá conseguir-se, quanto às Escolas, com o que já disse e ainda com uma mais ampla assistência escolar e com a existência de balneários, os quais principiaríamos a ser montados nas Escolas de grande aglomeração, como sejam as primeiras das sedes dos concelhos e as Industriais e Comerciais, Escolas estas que também deviam ter o seu médico escolar privativo. Embora muito superficialmente, fica demonstrado que o caso poderia tratar-se segundo a sugestão que acabo de apresentar, salvo melhor e mais autorizada opinião. Relativamente aos concelhos onde não há Liceus e, por conseguinte, onde não há médico escolar, deveriam ser encarregados destes serviços os Delegados de Saúde, exactamente nas mesmas condições dos médicos escolares. Dar-se-ia, desta forma, mais um passo em benefício da higiene escolar, até hoje pouco cuidada entre nós, a pesar de tam necessária à robustez da criança, que muitas vezes se atrofia em virtude da falta dela. A higiene não deve ser propriedade somente das pessoas abastadas, mas deve, sim, ser propriedade de todos — de ricos e pobres, porque não são apenas os primeiros que constituem a sociedade.

Continua a trabalhar-se para a Festa a realizar no dia 1 de Maio, hoje chamada a Festa do Trabalho. É um assunto de que já falei, dizendo o que entendia. Por hoje, só duas palavras sobre um dos números do programa — a confraternização entre patrões e operários. Se este número tiver o significado que deve ter, é, sem dúvida, um dos mais interessantes, mas, principalmente, se dessa confraternização resultar o reconhecimento dum dever que alguns patrões desprezam — o de serem mais generosos para os seus operários, e de preferir quando impossibilitados de trabalhar, quer a causa seja a doença, quer seja a velhice. Esta obrigação não dispensa outras a que devem ter direito na validade, como a de lhes proporcionar um certo e determinado conforto e, portanto, algumas facilidades para tornarem mais suave a preocupação constante da luta pela vida. Desta forma, a confraternização entre patrões e operários seria o mais belo triunfo da Festa do Trabalho e o mais nobre exemplo da solidariedade humana. É preciso notar que há patrões que já estão a prestar aos seus operários benefícios de grande vulto, o mesmo devendo fazer todos os outros, harmonizando esses benefícios com as suas possibilidades, visto que nem todos estão em condições iguais. Oxalá, pois, que a confraternização entre o capital e a máquina humana seja a primeira pedra do alicerce de mais um templo consagrado à sentimentalidade do coração do homem.

Os meus votos para que assim seja.

P. S.

Acabo de ler o programa definitivo da «Festa do Trabalho», e, ao contrário do que foi anunciado anteriormente, não consta desse programa o número da confraternização entre patrões e operários. Não admira que esse número tenha sido posto de parte, porque todos nós temos o nosso arrependimento em certas emergências da vida.

Falta, porém, saber quem foi que se arrependeu: se os patrões, se os operários.

FACTO QUE SE EXPLICA

Anda meio mundo preocupado com as sucessivas variantes do tempo, especialmente com a visita frequente da chuva. É um caso que não tem nada de anormal e que é de fácil compreensão, sobretudo para os povos daquelas terras onde a limpeza das ruas se faz a altas horas do dia. S. Pedro, que vive em lugar higiénico, desanda as torneiras de vez em quando, a fim de evitar densas nuvens de micróbios, cá por baixo, quando os varreiros se agarram à vassoura e afugentam os transeúntes com enxofradelas de poeira. E se não fosse a chuva o que aconteceria? Teria de entrar em moda permanentemente o fato da cor do pó! Eis a explicação do caso, sendo de lastimar que o mesmo S. Pedro não se compadeça também de nós quanto ao que diz respeito à carestia da vida, que não nos mata por intermédio de micróbios, mas que nos transforma em vítimas da ganância e da exploração. Enquanto uns passam o tempo a conjugar o verbo subir no presente do indicativo, outros exclamam: Senhor!

Tende piedade de nós!...

AINDA NÃO!

Continua sem solução o caso da Associação Comercial e Industrial de Guima-

conhecer neste intempestivo visitante um dos meus companheiros de assembleia, de nome Hipólito Richaud. Convinenci-me que ele se encontrava em Costebelle só de passagem. Richaud era um parisiense da velha escola — apesar de se prender muito com as múltiplas fantasias das vagabundagens cosmopolitas —, para quem a existência perde literariamente todo o sabor com vinte lugares na Opera e com a Praça da Concórdia. Um daqueles parisienses que, olhados de perto, são provincianos por excelência, animais conhecidos para quem a própria andadura monótona é necessária, com igual adorno, entre iguais propósitos. De seu pai, um grande industrial do Norte, herdara 300 mil francos de renda, que gasta metodicamente, manobrando o capital com muita prudência — enquanto não se trate de jôgo —, desde o seu confortável hotel da rua Francisco I à Assembleia da rua Boissy-d'Anglas, dos grandes aos pequenos teatros, pelo mundo elegante, pelos desportos da moda e pelas corridas. O bacará intervém, infelizmente, com seus altos e baixos, com as suas alternativas de sorte e azar. Mas enfim, Richaud ainda não se arruinou nas casas de tavolgem que frequenta, porque, como verdadeiro jogador, não se prende ao club.

Começou essa vida quando tinha 25 anos de idade. Continuou-a uma vez casado, depois de uma breve interrupção. É um outro traço característico dos parisienses desta espécie e que revela um fundo indestrutível de hereditariedade burguesa. As mais das vezes casam-se e muito novos. Mas o gosto pela vida de rapaz leva depressa vantagem, sem que estes maridos-celibatários cessem de guardar no sentido da desordem o da ordem. Eles almoçam e jantam fora, todos os dias, raramente com as mulheres, entram às 3 ou 4 horas da manhã, arriscam ao pano verde o futuro da sua casa, a cada instante, e não param, às escondidas ou à vista de toda a gente, de acumular com atenções quem usa o seu nome, de usar as maneiras dum marido deferente, propriamente affectuoso.

Como conseguem eles o egoísmo implacável dum tal existência com considerações que supõem escrúpulos, uma delicadeza?

Eu não pretendo achar a solução deste problema. A coisa é assim. Porque assisti ao seu casamento, mantive sempre relações com Richaud, e porque no passado ano fui ouvir a missa do enterro de sua mulher. Então ele chorou convulsivamente ao cumprimentar-me no cortejo, como se os desgostos cau-

cionários, isto simplesmente significa que o pessoal é pouco, competindo ao respectivo Chefe comunicar o facto aos superiores hierárquicos, a fim de evitar o excesso de trabalho dos seus subordinados, feito, a maior parte das vezes, à custa de pesados sacrificios. O Estado precisa de servidores que trabalhem e tem necessidade de lhes exigir um rendimento compensador do seu trabalho, pois é para isso que lhes paga os seus proventos. Com esta particularidade, absolutamente de acôrdo, mas daqui ao que se passa com os serões na R. de F. de Guimarães — e não sei se em mais alguma de qualquer outra terra do País — vai uma diferença muito grande. Dizem que é costume velho, mas esta circunstância não justifica a sua continuação, a não ser que na lei esteja previsto este caso. E sem prouração dos interessados, aqui fica feito este inocente reparo, que não tem outro fim que não seja o de apreciar um facto que me parece digno da atenção de sua ex.ª o Ministro das Finanças.

O 1.º DE MAIO

Continua a trabalhar-se para a Festa a realizar no dia 1 de Maio, hoje chamada a Festa do Trabalho. É um assunto de que já falei, dizendo o que entendia. Por hoje, só duas palavras sobre um dos números do programa — a confraternização entre patrões e operários. Se este número tiver o significado que deve ter, é, sem dúvida, um dos mais interessantes, mas, principalmente, se dessa confraternização resultar o reconhecimento dum dever que alguns patrões desprezam — o de serem mais generosos para os seus operários, e de preferir quando impossibilitados de trabalhar, quer a causa seja a doença, quer seja a velhice. Esta obrigação não dispensa outras a que devem ter direito na validade, como a de lhes proporcionar um certo e determinado conforto e, portanto, algumas facilidades para tornarem mais suave a preocupação constante da luta pela vida. Desta forma, a confraternização entre patrões e operários seria o mais belo triunfo da Festa do Trabalho e o mais nobre exemplo da solidariedade humana. É preciso notar que há patrões que já estão a prestar aos seus operários benefícios de grande vulto, o mesmo devendo fazer todos os outros, harmonizando esses benefícios com as suas possibilidades, visto que nem todos estão em condições iguais. Oxalá, pois, que a confraternização entre o capital e a máquina humana seja a primeira pedra do alicerce de mais um templo consagrado à sentimentalidade do coração do homem.

Os meus votos para que assim seja.

P. S.

Acabo de ler o programa definitivo da «Festa do Trabalho», e, ao contrário do que foi anunciado anteriormente, não consta desse programa o número da confraternização entre patrões e operários. Não admira que esse número tenha sido posto de parte, porque todos nós temos o nosso arrependimento em certas emergências da vida.

Falta, porém, saber quem foi que se arrependeu: se os patrões, se os operários.

FACTO QUE SE EXPLICA

Anda meio mundo preocupado com as sucessivas variantes do tempo, especialmente com a visita frequente da chuva. É um caso que não tem nada de anormal e que é de fácil compreensão, sobretudo para os povos daquelas terras onde a limpeza das ruas se faz a altas horas do dia. S. Pedro, que vive em lugar higiénico, desanda as torneiras de vez em quando, a fim de evitar densas nuvens de micróbios, cá por baixo, quando os varreiros se agarram à vassoura e afugentam os transeúntes com enxofradelas de poeira. E se não fosse a chuva o que aconteceria? Teria de entrar em moda permanentemente o fato da cor do pó! Eis a explicação do caso, sendo de lastimar que o mesmo S. Pedro não se compadeça também de nós quanto ao que diz respeito à carestia da vida, que não nos mata por intermédio de micróbios, mas que nos transforma em vítimas da ganância e da exploração. Enquanto uns passam o tempo a conjugar o verbo subir no presente do indicativo, outros exclamam: Senhor!

Tende piedade de nós!...

AINDA NÃO!

Continua sem solução o caso da Associação Comercial e Industrial de Guima-

conhecer neste intempestivo visitante um dos meus companheiros de assembleia, de nome Hipólito Richaud. Convinenci-me que ele se encontrava em Costebelle só de passagem. Richaud era um parisiense da velha escola — apesar de se prender muito com as múltiplas fantasias das vagabundagens cosmopolitas —, para quem a existência perde literariamente todo o sabor com vinte lugares na Opera e com a Praça da Concórdia. Um daqueles parisienses que, olhados de perto, são provincianos por excelência, animais conhecidos para quem a própria andadura monótona é necessária, com igual adorno, entre iguais propósitos. De seu pai, um grande industrial do Norte, herdara 300 mil francos de renda, que gasta metodicamente, manobrando o capital com muita prudência — enquanto não se trate de jôgo —, desde o seu confortável hotel da rua Francisco I à Assembleia da rua Boissy-d'Anglas, dos grandes aos pequenos teatros, pelo mundo elegante, pelos desportos da moda e pelas corridas. O bacará intervém, infelizmente, com seus altos e baixos, com as suas alternativas de sorte e azar. Mas enfim, Richaud ainda não se arruinou nas casas de tavolgem que frequenta, porque, como verdadeiro jogador, não se prende ao club.

Começou essa vida quando tinha 25 anos de idade. Continuou-a uma vez casado, depois de uma breve interrupção. É um outro traço característico dos parisienses desta espécie e que revela um fundo indestrutível de hereditariedade burguesa. As mais das vezes casam-se e muito novos. Mas o gosto pela vida de rapaz leva depressa vantagem, sem que estes maridos-celibatários cessem de guardar no sentido da desordem o da ordem. Eles almoçam e jantam fora, todos os dias, raramente com as mulheres, entram às 3 ou 4 horas da manhã, arriscam ao pano verde o futuro da sua casa, a cada instante, e não param, às escondidas ou à vista de toda a gente, de acumular com atenções quem usa o seu nome, de usar as maneiras dum marido deferente, propriamente affectuoso.

Como conseguem eles o egoísmo implacável dum tal existência com considerações que supõem escrúpulos, uma delicadeza?

Eu não pretendo achar a solução deste problema. A coisa é assim. Porque assisti ao seu casamento, mantive sempre relações com Richaud, e porque no passado ano fui ouvir a missa do enterro de sua mulher. Então ele chorou convulsivamente ao cumprimentar-me no cortejo, como se os desgostos cau-

ráis, ventilado lá cerca de dois meses no seio dos seus associados para efeitos da eleição dos novos corpos gerentes. Não obstante o largo espaço de tempo decorrido, tudo continua no mesmo pé, porque não aparece gente para desempenhar as funções inerentes à gerência desta colectividade ou, se aparece, não é aquela que convém a quem não quer fazer da Associação C. e I. de Guimarães aquilo que, de facto e de verdade, ela deve ser. São misérias humanas que desanorteam o cérebro de algumas pessoas, resultando daí o desprimor e até o vexame para outras que desejam dar impulso e vida a esta terra, já cheia de ser espesinhada, simplesmente porque é necessário obedecer a ninharias e a caprichos, sejam quais for as consequências. Isto é mais do que o cúmulo da vergonha para Guimarães. É um crime! Numa terra como esta, na qual não faltam bons elementos dentro da classe industrial e, bem assim, da comercial, só por um tremendo absurdo se pode explicar o que se passa na Associação C. e I. Como resolver semelhante situação? Que falem os entendidos e os interessados, enquanto que eu me reservo para fazer novas apreciações, não com o fim de atingir ninguém, mas com a esperança de ver transformadas certas atitudes, que não se harmonizam com o brio, com a dignidade e com o bairrismo de todo aquele que é bom Vimaranesense. Até ver, pois

O TESTAMENTO DE JUDAS

Foi muito lido e apreciado o Testamento de Judas, cuja redacção, em verso, foi confiada, segundo a vontade do doador, ao apreciadíssimo *Bandarilheiro*, um dos colaboradores do «Notícias de Guimarães», que só causa aborrecimento aos leitores, quando não os delicia com a sua agradável colaboração. *Bandarilheiro*, forte e destemido como um Leão, é, ao mesmo tempo, amável, delicado e justo, dando a cada um o que merece. Assim o provou com a forma como soube interpretar a vontade de Judas, distribuindo os legados conforme as necessidades dos beneficiados, satisfazendo, assim, as aspirações de muita gente.

Os meus parabéns.

Pipl

Administração do «Notícias»

Deixou de exercer as funções de administrador do «Notícias de Guimarães» o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, que dentro em breves dias deve ausentar-se desta cidade com demora de alguns meses. Por tal motivo todos os serviços de administração ficam d'oravante, a cargo do proprietário e director do «Notícias de Guimarães».

PENSÃO ESTORIL

R. FERNANDES TOMAZ N.º 756 (Proximo ao Bolhão) PORTO

Diárias com quarto desde 15\$00. Almoços avulso a 5\$00.

CHEMISTRY?

Olinda Amélia de Oliveira Ribeiro

Parteira diplomada

LARGO PRIOR DO CRATO, 107

(Por cima do Café Sport)

GUIMARÃIS

MERCARIA

Trespassa-se uma importante mercearia num dos melhores pontos da cidade bem central e com boa clientela.

Nesta redacção se diz.

CAMISARIA MARTINS

Previne os seus estimados cliente e amigos que acaba de receber as últimas

NOVIDADES EM CAMISAS.

sados à falecida por êle não tivessem apressado este desenlace. Tempos depois, retomou o seu lugar na Assembleia, nos *restaurants* da moda, nos teatros, sem que acabasse de ser familiar no trato. E a prova: a seu lado, nesta estrada meridional em que me aguarda, que silhueta descobro? A dum companheiro ou dum companheira de prazer?

Não. Hipólito Richaud segura pela mão, com a solicitude dum viúvo para órfão, um rapazito de 11 anos, frágil e um tanto pálido no seu traje de marinheiro, feito em sarja preta, que não era outro senão o seu filho, e êle pôs na voz toda a emoção dum heróico pai para me dizer, após as primeiras saudações:

— Apresento-te o meu herdeiro, sr. Edmundo Richaud...

Como êle se parece com a minha pobre Emma, não é verdade?

De facto o petit fazia lembrar a mãe não só pelos traços como pelo primeiro nome. Da inditosa senhora êle tinha os olhos azuis, os cabelos loiros, a quasi graciosa beleza, a boca principalmente: o lábio superior um pouco curto com os cantos um tanto descaídos que dão um ar de cansasso ao rosto imóvel, a contrastar com um aspecto de jovialidade sorridente.

(Continua).

FOLHETIM

O APACHE

De PAUL BOURGET (Tradução de L. COELHO).

I

Naquele ano eu tinha vindo passar o Outono à minha pequena casa de Costebelle, no portal da qual, se ainda se usassem as inscrições latinas, eu poderia mandar gravar o conhecido verso:

Parva, sed apta mihi...

E a continuar: Nesta costa da Provença, Outubro e Novembro são talvez os dois meses mais extraordinários. Uma manhã de verão, dum verão acariciador e mais fresco, ondula na atmosfera. Apontam nas sebes vivas as primeiras rosas de inverno. As largas folhas dos vinhedos vindimados tornam-se avermelhadas. As dos carvalhos, mais recortadas e mais finas, aloriam e amarelecem. Estas púrpuras e êstes dourados casam-se com as verduras eternas dos pinheiros e ciprestes, dos cedros e das palmeiras. Serpenteiam estradas por entre esta vegetação luxuriante, desco-

Um Comentário

Pensou a S. D. P. G. que a inauguração do monumento ao insigne artista vimaranense — Gravador Molarinho — seria, pela sua flagrante oportunidade, um excelente número do programa da *Festa do Trabalho* a realizar no próximo 1.º de Maio. Querendo a mesma Sociedade colaborar na festa dos trabalhadores, apresentou o sr. A. L. de Carvalho em uma sessão preparatória da festa a sua sugestão, aguardando que se pronunciasse quem de direito. A Comissão Central pareceu-lhe bem. Contudo, dependia a aceitação do número da elaboração final do programa. E o presidente da S. D. P. G. aguardou. Em nova sessão preparatória, feita a leitura do programa da Festa do Trabalho, nada constando nele referente à inauguração do Monumento, o representante da Sociedade voltou a recordar a oportunidade desse acto no dia em que se consagra o labor da grei.

Ouviu-se então dizer — que semelhante acto não podia ter lugar nesse dia pelos seguintes motivos:

a) Porque se celebrava às 11 horas uma missa, com a assistência das oficinas têxteis.

b) Porque havia às 11 e meia uma sessão solene para inaugurar dois Sindicatos.

c) Porque, quanto ao resto do dia, estava todo tomado.

Em virtude do que o presidente da S. D. P. G. retirou a sua sugestão.

Estes os factos.

Agora este comentário:

Se houvesse *sensu de proporções*; se os organizadores da *Festa do Trabalho* tivessem um momento meditado na beleza moral que encerra a criação de um monumento a um Artista Vimaranense numa terra de artistas e artífices; se houvessem reflectido no significado da festa do 1.º de Maio e na perfeita concordância da homenagem que o Monumento traduz, teriam acomodado a um horário mais... *devoto* a missa dos têxteis, para que não deixasse de ter lugar no dia solene da *Festa do Trabalho* uma homenagem a uma figura que tanto nobilitou, pela arte, a grande família vimaranense dos trabalhadores.

Lá que o operariado vimaranense não soubesse pôr as coisas no seu lugar, *aproveitando uma hora magnífica da sua própria exaltação*, — vá!

Mas os dirigentes da festa, pessoas inteligentes que a promovem para servir os mesmos trabalhadores — não faz sentido que relegassem para um plano afastado uma homenagem que, pensando bem, valia, só por si, toda a festa — passa; e o monumento — fica!...

Um Vimaranense.

Irmandade de S. Torcato

Convocação da Assembleia Geral Ordinária

Para proceder à eleição da Mesa Administrativa e Definitório que tem de servir no biénio de 1935 a 37 e em conformidade com o disposto nos artigos 23.º e 24.º dos Estatutos, é convocada a reunir a Assembleia Geral Ordinária no dia 5 de Maio, próximo, pelas 15 horas, na sala do Despacho desta Irmandade.

Se não comparecer número legal de irmãos na primeira convocação, funcionará esta com qualquer número no dia 12 do mesmo mês, à mesma hora.

Guimarães e sala do Despacho da Irmandade de S. Torcato, 18 de Abril de 1935.

O Presidente da Assembleia Geral,

Alberto Pimenta Machado.

O nosso número da Páscoa

O número da Páscoa do "Notícias de Guimarães," causou verdadeiro sucesso entre os seus inúmeros leitores. Isso nos consola e nos dá coragem para continuarmos no mesmo caminho que até hoje temos trilhado.

Os números destinados à venda avulsa

tiveram não só nesta cidade mas, também, em Pôrto e Lisboa, uma procura extraordinária.

Muitas pessoas vieram felicitar-nos pelo bom êxito da nossa iniciativa, outras escreveram-nos a dar os parabéns.

Por tudo isto nós constatamos que o número agradou. Isso nos alegra.

O desenho da capa do nosso número da Páscoa, bem como o do "Judas," que no mesmo número reproduzimos, foram feitos expressamente para o "Notícias de Guimarães," pelo nosso prezado amigo, sr. dr. António Rodrigues da Rocha.

No mesmo número saíram errados, por lapso tipográfico, os nomes da nossa illustre colaboradora Zita de Portugal e do nosso illustre colaborador e amigo sr. M. Menezes, que nos desculparão a falta, que foi para nós motivo de arreia.

— O Testamento do Judas, da autoria do nosso distinto colaborador *Bandarilheiro*, causou, pode dizer-se, um sucesso. Foi lido e apreciado por toda a parte, tendo merecido justos elogios.

— Toda a colaboração do mesmo número, que, como os leitores viram, confiamos a um grupo de distintos colaboradores, foi, igualmente, muito apreciada.

Jornal do Público

O Largo do Trovador e o garoto

Escreve-nos um leitor:

"Peço ao meu bom amigo que, por intermédio do "Notícias de Guimarães," de que é muito digno director, peça ao sr. Vereador do pelouro dos Jardins ou ao sr. Larcher, digno Chefe da Polícia, para que sejam dadas ordens aos seus subordinados no sentido de se reprimam a garotada que todos os dias se junta no Largo do Trovador a jogar a bola, proferindo palavras que fazem córa as parêdes, não podendo ninguém reprimir os endiabrados garotos, por se sujeitarem aos maiores insultos."

Desculpe o meu amigo o incomodo que veio causar-lhe um morador dos sacrificados.

Aqui fica o pedido que, estamos certos, as autoridades vão tomar na devida consideração. Devemos acrescentar que não é só o Largo do Trovador o local onde os *espectáculos* deprimentes se realizam em sessão permanente havendo por isso necessidade de meter os garotos na ordem.

NOTÍCIAS PESSOAIS

General António Flores

Continua bastante doente, inspirando o seu estado sérios cuidados, o nosso respeitável amigo sr. General Antonio Emilio de Quadros Flores, a quem desejamos rápidas melhoras.

Dr. José Rodrigues

Tem estado entre nós, de visita a sua família o nosso bom amigo e illustre colaborador sr. dr. José Pinto Rodrigues.

Passou na quarta-feira o aniversário natalício do nosso prezado amigo e estimado industrial sr. João Mendes Fernandes.

— Com sua esposa e filhas partiu para Cantanhede, com deinora de uns dias, o nosso bom amigo e estimado negociante local sr. Camilo Laranjeiro dos Reis.

PRECISA-SE

Esc. 12.500\$00 sobre hipoteca. Esta redacção informa.

FATOS PRONTOS A VESTIR DESDE 180\$00 SÓ NA

ALFAIATARIA

DE

Jacinto José Ribeiro

(RIBEIRO, FILHO)

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Da Cidade

Uma elegante Ceia à Americana, em Fafe — Na noite de sábado de Aleluia realizou-se, como previamente havia sido anunciado, no salão de festas do Teatro-Cinema, da vizinha e ridente Vila de Fafe, uma Ceia à Americana que ali reuniu as mais distintas famílias daquela terra e de outras circunvizinhas.

Motivos imperiosos impossibilitaram-nos de assistir aquela festa para a qual fomos distinguidos com um amável convite. Sabemos, no entanto, que ela decorreu com muita animação e teve uma assistência numerosa e distinta, composta por muitas senhoras da melhor sociedade que, com as suas luxuosas *toilettes*, davam ao recinto um aspecto encantador, e, também, por muitos cavalheiros.

A orquestra "Odeon" do Pôrto, abrihantou a elegante festa, executando as suas melhores peças.

Cónego Chousal — Foi bastante sentida nesta cidade a morte do grande orador sacro Cónego Chousal, que algumas vezes se fez ouvir nas principais festividades de Guimarães.

Visita Pascal — Obedecendo a uma tradição, realizou-se em todas as freguesias da cidade e do concelho, no domingo e segunda-feira, a visita Pascal que, não obstante o mau tempo, atinguo o costumeo brilhantissimo. Durante aquêles dias estrelajaram, constantemente, no espaço, muitos foguetes e ouviu-se o som alegre dos sinos dos campanários de aldeia.

Officinas de S. José — Prosseguiu, na segunda-feira, nas Oficinas de S. José, o leilão das prendas oferecidas pelas beneméritos madrinhas dos internados por ocasião do aniversário daquela instituição. A's Oficinas de S. José acorreram, por isso, muitas pessoas. O leilão foi abrihantado pela banda dos internados.

Mês de Maria — Em vários templos da cidade, iniciam-se, na terça-feira, os piedosos exercícios do mês de Maria.

— Também na capelinha de N. S. da Guia, começam naquêles dias os mesmos exercícios que terão lugar às 5 horas da tarde.

Ocorrências — Perto da casa onde residia, em Nespereira, apareceu morto o mendigo João, conhecido por "Chibeus", de 50 anos. Foi vítima duma síncope cardíaca.

Após as formalidades legais o cadáver foi removido para o hospital da Misericórdia, desta cidade, afim de ser autopsiado.

— Foram presos pela G. N. R. e enviados ao poder judicial, Ernesto Pereira, casado, de 44 anos, relojoeiro, sua amante Aurora de Oliveira, solteira, doméstica, de 43 anos, e João Ferreira Inocência, o "Podre", casado, operário fabril, de 30 anos, todos moradores no lugar de Burrêcos, freguesia de Sande (Vila Nova) dêste concelho, acusados de fabricar e passar moedas falsas de dez escudos.

O negociante de Campelos, freguesia de S. João de Ponte, dêste concelho, sr. Augusto Alves Pimenta, foi quem descobriu as moedas falsas, por ali ter ido fazer compras, a Aurora de Oliveira, que pagou com uma dessas moedas. Depois da Aurora se retirar o sr. Augusto Pimenta, ao contar o dinheiro da gaveta, notou que uma das moedas fazia certa diferença de todas as outras. Como lhe nascessem desconfianças examinou a e fácil lhe foi verificar que era falsa. Comunicou o facto às autoridades que momentos depois capturavam os três indivíduos e os faziam acompanhar para esta cidade, para o posto da G. N. R.

O Inocência declarou a sua inocência e o Ernesto Pereira confessou, imediatamente, o crime de que é acusado.

Os três presos, levados a perguntas ao tribunal judicial recolheram, depois, à cadeia comarcã. Não prestaram fiança.

— Pelo chefe da P. S. P. foi capturado, como autor de vários furtos em Caldelas (Caldas das Taipas), João Rodri-

gues Rocha, o "Pêga", casado, vadio, de 58 anos, natural e residente naquela freguesia.

Trata-se dum cadastrado que já esteve preso e que respondeu por vários crimes a que da última vez foi condemnado em 5 anos de prisão maior celular, pena que cumpriu.

Falecimentos — Faleceu na sexta-feira, contando 62 anos de idade, o sr. Henrique Pereira da Costa, chefe dos Impostos Municipais.

O seu funeral realizou-se hontem à tarde, para o cemitério da Atouguia.

— Faleceu em Lordêlo, onde residia, o sr. Alberto Veloso de Araújo, distinto publicista, que à agricultura dipensou o melhor da sua actividade e inteligência.

De luto — Pelo falecimento de sua madrastra ocorrido, há dias, em Vila do Conde, encontra-se luto o nosso prezado amigo sr. dr. Alvaro Carvalho, a quem, embora tarde, apresentamos condolências.

Venda de pão — Do Governo Civil do Distrito, baixou à Administração do concelho, uma circular que é do teor seguinte:

"Tenho a honra de rogar a V. Ex.ª se digne promover que, por intermédio das autoridades suas subordinadas, seja reprimida com rigor a venda clandestina ao público, para fora dos estabelecimentos, e em todos aquêles que não sejam padarias ou seus depósitos de venda, devidamente legalizados, lavrando-se os competentes autos para applicação das respectivas penalidades."

Loja das Camisas — No Tournal, na antiga Casa Benamôr, encontra-se instalada a *Loja das Camisas*, com um variado sortido de artigos de grande novidade.

Falta de espaço — Por absoluta falta de espaço ficam-nos de fora, já depois de compostas, algumas das nossas habituais secções e várias notícias, bem como alguns artigos.

Senhora da Madre-de-Deus — No penúltimo sábado, à tarde, foi conduzida processionalmente, do templo das Capuchinhas para o de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres em honra da qual se realiza amanhã, na forma dos anos anteriores, uma imponente festividade.

A procissão foi acompanhada por muitos fieis, entre os quais se viam senhoras da nossa melhor sociedade.

CHIMY?

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO

ADVOGADOS

Escritório — R. Gravador Molarinho, 32
(Baixos da Assembleia)

TELEFONE, 58

Visado pela
Comissão de Censura.

Comissão Administrativa dos Bens Culturais do Concelho de Guimarães

Previnem-se todos os foreiros da extinta Colegiada de Guimarães, de que se encontram em pagamento, até 30 de Abril corrente, na casa do tesoureiro desta Comissão, Sr. José Cândido de Carvalho, à rua Egas Moniz, os foros vencidos até 29 de Setembro de 1934.

Os fóros foram vencidos até 29 de Setembro de 1934.

Passada aquela data de 30 de Abril, todos os conhecimentos referentes aos fóros vencidos e que não tenham sido pagos, serão relaxados.

Para evitar aos foreiros inúteis despesas, se faz a presente prevenção.

Guimarães, 1 de Abril de 1935.

O Presidente,

José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto.

Estética da cidade

Recebemos a seguinte carta:

... Sr. Director

Desculpe importuná-lo.

Não é de hoje a vontade de escrever-lhe esta carta, dando-lhe parte do meu sentir sobre um assunto que interessa a todos os vimaranenses, verdadeiros amantes da sua terra. O assunto, caro Director, é a permissão libertária, sem peias nem entraves, de cada um construir prédios para habitação, ao sabor grosseiro da sua ideia.

Esta velha cidade, que nos viu nascer, continua a sofrer os maiores enxovalhos, na edificação de casas, fiel amostra do seu sentimento artistico, filho da incultura e do atraso. Notando-se no momento actual uma certa febre de construir—longe ainda do necessário—cada nova casa que sai dos alicerces, é mais um monumento de mau gosto que enfileira, sem deitao, a êsses monstros de granito, alinhados por essas ruas fora. Há a preocupação acentuada, segundo parece, de disputar com afan, a primeira classe do galardão, nesta competição reles.

Quando passo pela linda artéria, ao longo de velho pano das muralhas, desde a Senhora da Guia à rua Nun'Alvares, eu cerro os olhos e idealizo uma avenida marginada ao nascente por edificios modernos, cheios de arte, a marcar uma época, como um padrão de inteligência, enfrentando galhardamente a fila indiana das venerandas ameias. Mas, quando descerro as pálpebras, aperto violentamente os dentes em sinal de revolta e nójo, pelo que me é dado ver...

Desde essas massas compactas com telhados em ondulação Marsel dos estabelecimentos fabris, até às filas de casebres dos novos «bairros operários» o péssimo gosto impera, como se assentasse arraiais na disposição de longa moradia. Eu ouso perguntar, se êsses prédios construídos (Cadeia Nova) e em construção (Covas), fazem parte integrante dum plano de urbanização, na iminência dum possível alargamento da cidade? Estou certo que não. O que se tem feito é estender longamente ruas, para que a cidade vista do alto, pareça um pólv giganteco na inestética configuração do seu corpo.

Porque não se seguem os arruamentos principiaes nas Obras Novas! Porque não se constróem aí edificios que descongestionem o ambiente abafado desta cidade, que, fundando uma nova, acompanhe em grandeza o aumento fabuloso da nossa indústria?

Responda quem deva, sr. Director, e salve-se a cidade dêstes atentados selvagens que ferem o íntimo dos seus filhos e o desejo de a verem a par das mais modernas e mais bonitas.

De V...

Um colaborador.

Assinar o "Notícias de Guimarães," é dever de todos os vimaranenses.

LOJA DAS CAMISAS

Praça D. Afonso Henriques -- (junto ao Café Oriental)

APRESENTA:

CAMISAS

GRAVATAS

MEIAS

EM ÚLTIMAS NOVIDADES

CONSULTANDO O NOSSO SORTIDO E PREÇOS, SERÁ NOSSO CLIENTE

PREÇOS FIXOS — VENDAS A DINHEIRO

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27163

Atelier de Vestidos e Chapéus

**Modicidade em preços
Verão de 1935**

Tenho a honra de informar as minhas Ex.^{mas} clientes, que exporei nos dias 28 e 29 do corrente, no meu domicílio, os mais recentes modelos de chapéus, para a Estação de Verão. Agradece, pois, a V. Ex.^{as}, honrando-a com a sua visita

MARIA EMILIA FONSECA
Rua da República, 91
GUIMARÃIS

Exposição de Chapéus para a estação de Verão

Maria do Céu Mendes Silva

participa às suas Ex.^{mas} clientes que realiza na próxima quinta-feira, dia 2 de Maio, a abertura da estação de Verão, expondo no seu atelier à Rua de S. Dâmaso, 89, desta cidade, uma colecção de lindíssimos chapéus dos últimos modelos; e convida-as a fazerem-lhe uma visita, honra que agradece desde já.

Guimarães, 27 de Abril de 1935.

Maria do Céu Mendes Silva

ALFAIATARIA

DE

Jacinto José Ribeiro (Ribeiro, Filho)

Participa aos Ex.^{mos} fregueses e amigos que já recebeu grande sortido de fazendas para a estação de Verão, em padrões de alta novidade, as quais tem a preços excepcionais expostas na sua vitrine, no Largo Conselheiro João Franco.

Telefone, 177

GUIMARÃIS

ADUBOS QUÍMICOS, SULFATO DE COBRE E FERRO,
ÓLEO DE MENDOBI E ENXOFRES;
ÁCIDO SULFÚRICO, CLORETOS LINHAGENS PARA SACOS
E FARDOS, E OUTROS PRODUTOS da

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

da qual são revendedores autorizados

ANTÓNIO DE ARAÚJO SALGADO & C.^A
Rua 31 de Janeiro

que acaba de montar no seu estabelecimento uma secção destes artigos e de outros das melhores procedências, tais como

BATATA DE SEMENTE — Up-to-date — Irlandesa — em depósito
— Magestic — Idem »
— Bintje — Holandesa »
King Edward, Great-Scot, Ken's Pink — Irlandesas »
Eigenheimer — Holandesa »

Prestam-se quaisquer esclarecimentos e gar ante-se que os preços estão em concorrência com o mercado local.

Maria da Oliveira Roriz

representante da antiga e acreditada CASA DOS LUTOS, da rua de Cedofeita, 131 — Pôrto — hoje "O Chapéu Modelo Parisiense", comunica que já recebeu a linda e completa colecção de modelos para a estação de verão, que exporá na "CASA DAS GRAVATAS,"

no dia 1.º de Maio

Convida todas as suas Ex.^{mas} clientes a fazerem-lhe uma visita, certa de que ali encontrarão os melhores e mais modernos modelos, a preços verdadeiramente excepcionais.

Que nenhuma Senhora compre sem vêr esta grande colecção, no seu próprio interesse.

Guimarães, 28 de Abril de 1935.

Telegramas — DORATO

Telefone — 1313 e 1668



MARCA

REGISTADA

Para Fiar — Tecer — Tingir — Acabar

Para tudo que diz respeito à Indústria Textil, há uma casa Portuguesa que fabrica todos os Acessórios necessários! Mesmo que não tenha interesses ligados à Indústria Textil visite a Exposição permanente de

EDUARDO PEREIRA PINTO & FILHOS

Casa Fundada em 1885 (50 anos)

Rua do Bomjardim, 437 A — PORTO

Verá que a Indústria Nacional de Acessórios para a Indústria Textil, dispensa os de fabricação estrangeira. Concorremos a 6 exposições tendo-nos sido conferidas 7 Medalhas de ouro e 1 diploma de honra. Na Indústria Portuguesa de 1932 e Colonial x x de 1934 foram-nos conferidas 2 Medalhas de ouro em cada x x